

MELHORES POEMAS

JOSÉ PAULO PAES

Sobre o poeta:

Químico... Poeta... Tradutor... Ensaísta... Editor... Brasileiro...

José Paulo Paes nasceu em Taquaratinga (SP), no dia 22 de julho, primeiro filho de Diva Guimarães e Paulo Artur Paes da Silva. Alfabetiza-se lá mesmo, concluindo o ginásio em Araçatuba.

No poema Noturno, o poeta traduz bem esse menino do interior:

*O apito do trem perfura a noite.
As paredes do quarto se encolhem.
O mundo fica mais vasto.*

*Tantos livros para ler
tantas ruas por andar
tantas mulheres a possuir...*

*Quando chega a madrugada
o adolescente adormece por fim
certo de que o dia vai nascer especialmente para ele.*

Em sua vida estudantil não pensou em estudar Letras porque esse curso, na época, era direcionado para formar professor e, de escola, o poeta tinha horror... e aprender, sempre aprendeu fora dela.

Pensou então: Por que não Química? Era um curso rápido que lhe daria uma qualificação profissional e rápida, independência financeira dos pais. Não conseguindo entrar no Mackenzie, em SP, opta e passa no Instituto de Química do Paraná, em Curitiba, no ano de 1944.

Em quatro anos forma-se químico, saindo com a cabeça cheia de sonhos, não químicos, mas literários e políticos.

Como o próprio poeta diz, aqui se deu o seu ritual de batismo na literatura, pois até então, a literatura para mim era uma espécie de vício solitário.

Conhece alguns artistas jovens que pensavam e agiam da mesma forma em relação à política conservadora artística da cidade. É a terceira geração modernista manifestando-se.

Dentre os amigos destacam-se: Glauco de Sá Brito (poeta); Carlos Scliar (pintor) e Dalton Trevisan (escritor).

Veja o que o poeta diz daquela época:

“Curitiba, nessa época, por volta de 45, 46 era muito provinciana e essencialmente acadêmica. A esta altura, me parece que havia em Curitiba quatro ou cinco academias de letras. Tanto que a gente brincava dizendo que, por metro quadrado, é a cidade onde há mais imortais no país (...). Nós representávamos naquela época, a modernidade, tardia, porque a modernidade brasileira vem de 22 e nós estávamos naquela altura no comecinho do pós-guerra.

(...) O Dalton, por exemplo, aparece com o Joaquim, que foi uma revista irreverente e que se ergueu principalmente contra os acadêmicos [Emiliano Pernetá, Dario Veloso, entre outros Simbolistas] da própria Curitiba. (...).”

O primeiro livro em 1947, com o projeto gráfico do pintor Carlos Scliar, publica O Aluno, seu primeiro livro de poemas, editado em Curitiba. Elogiado por uns, reparado por outros. Drummond criticou a falta (ainda) do “eu J.P.Paes”, a voz que falava era múltipla, de tantos outros autores. Escreveu a J.P.Paes aconselhando-o a encontrar voz própria, original: “Graças à carta de Drummond, eu deixei de lado uma sonetística meio parnasianóide que faziam então Ledo Ivo e Paulo Mendes Campos. E eu estava entrando nessa.”

Participa do famoso Congresso Brasileiro de escritores de Belo Horizonte, onde conhece as feras, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Foi o 1º congresso que contou com a nova geração 3ª turma do Modernismo de 1945. Em 1949 muda-se para São Paulo, para trabalhar como químico analista no laboratório Squibb.

O segundo, cheio de amor...1951, publica seu segundo livro, a plaquete, Cúmplices, dedicado à musa de toda sua poesia e vida, a bailarina do Teatro Municipal de São Paulo, Dora Costa, com quem se casa em 1952. Lança seu primeiro volume de ensaios sobre As quatro vidas de Augusto dos Anjos, poeta pré-moderno.

Em 1960, deixa a indústria farmacêutica e vai trabalhar na Ed. Cultrix, onde passa a dirigir o departamento editorial (até 1982).

1961 - Saem os seus Poemas Reunidos, trazendo seus poemas antigos e as séries Novas cartas chilenas, de 54, e Epigramas, de 1958.

A partir das Novas cartas chilenas, a minha poesia fica impessoal, ela se debruça sobre o mundo, (...) sob lentes críticas, ideologicamente informada. Eu me debruço sobre a sociedade de consumo para denunciar a pequenez e as misérias dela.

1980-81 - Publica traduções dos poetas Pietro Aretino (italiano) e Poemas, do grego Konstantino Kaváfis, que lhe rende o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

Estréia na poesia para crianças com *É isso ali*, em 1984. Em 1986 sai *Um por todos*, reunião de seus poemas. Publica *Poesia Moderna na Grécia*, primeira reunião de poetas gregos modernos no Brasil. Sua paixão pela poesia grega o levou a aprender essa língua para ler os poetas. É sua afirmação: "... Eu acho que os gregos de hoje são os continuadores dos gregos antigos. (...) e a própria língua é o penhor dessa continuidade histórica e intelectual (...) eu acho que a poesia que se faz hoje na Grécia está entre as melhores do mundo.

À minha perna esquerda... título do poema que o poeta fez à sua perna esquerda quando foi amputada (1986) em consequência do agravamento de uma necrose no pé (problema circulatório). Assim o poeta sentiu:

*"... depois que tive um problema de saúde muito grave, tive uma perna amputada.
(...) essa foi uma fase difícil da minha vida, com certo risco de vida,
e, nessas ocasiões, a gente repensa os valores."*

Veja trechos do poema:

1
Pernas
para que vos quero?
Se já não tenho
por que dançar
Se já não pretendo
ir a parte alguma.
Pernas?
Basta uma.

5
Chegou a hora
de nos despedirmos
um do outro, minha cara
data vermibus
perna esquerda.

7
Longe

do corpo
terás
doravante
de caminhar sozinha
até o dia do Juízo
não há pressa
nem o que temer:
haveremos
de oportunamente
te alcançar.

O Adeus... em 9 de outubro de 1998, José Paulo Paes é internado no Hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo, onde morre, vítima de edema pulmonar, aos 72 anos de idade.

TEMAS E CARACTERÍSTICAS

O poeta da brevidade

Dono de um refinado humor, o poeta, humilde, se considerava um poeta distrital. O mais importante de seu quartirão... Foi um poeta do seu tempo e observador sempre irônico das contradições do vasto mundo. O resultado será uma poesia do dia-a-dia, crítica social e política do homem moderno, sempre dentro de uma linguagem na Brevidade, a linguagem do Chiste e do Epigrama.

A ironia... ? Eu aprendi primeiro com Drummond, depois com Oswald de Andrade. Será uma das principais características recorrentes em sua obra: a crítica inteligente, sem preconceitos e graciosamente contundente.

O Epigrama... segundo Davi Arrigucci Jr., José Paulo Paes retomou uma fórmula tradicional, a fórmula da epigrama, tão velho como a nossa cultura. O epigrama é um poema breve, que muda de tom, pode marcar o lugar de um acontecimento, ser épico, lírico, ou dramático. (...) serviu aos latinos [romanos] como instrumento na Antiguidade Clássica para comentar os assuntos da cidade. O poeta então, reutiliza essa velha fórmula para comentar ironicamente o mundo em que viveu e revelar a sua intimidade que interferisse nesse mundo.

O Chiste... uma forma de graça aguda, de talho seco e exato. O poema-piada de influência oswaldiana.

Utopia social... Visão de mundo... Para um poeta pós Segunda Grande Guerra, observador e contestador do mundo e do homem capitalista moderno com suas pequenices: política partidária,

consumismo, violência, máscaras, aparências etc., a visão de mundo é a mais otimista possível. Assim se referiu. Minha preocupação social começou em termos partidários, ligados a um problema ideológico, politicamente definido. Acredita que, mesmo nesses (des)caminhos que cada vez mais estou descrente dos esquemas partidários e ideológicos, porque eu sei que eles são redutores... o homem sobreviverá até encontrar a harmonia social. O próximo não mais lhe parecerá um estranho hostil ... “depois, a própria marcha da história foi desmentindo várias dessas ilusões, mas jamais se apagou em mim o sentido da utopia social. Vou ser um utopista social até a morte. Acredito que é possível uma sociedade mais justa e fraterna. (...) O que é fundamental (...) é o sentido de solidariedade humana e a ânsia de igualdade humana.(...)”

Processo de criação... Assim como o mestre Drummond, o poeta acredita em inspiração junto a muito trabalho com as palavras. Com a palavra José Paulo Paes:

“O poema nasce por conta própria, você é apenas a parteira. (...) De modo que eu acredito piamente na inspiração. Não que o poema venha pronto, vem apenas o germe, depois você tem de trabalhar, você tem de ter artesanato, tem de ter um cabedal de leituras (...).”

RESUMO

O Aluno (1947) - Livro de estréia, editado em Curitiba. Observa-se certo comportamento formal num lirismo absorvido da herança daqueles que considerava mestres: Bandeira (O Aluno; Canção do Afogado); Drummond (Drummondiana; Balada). A figura de Carlitos, imagem do bem, da esperança, do sonho e da liberdade, também cantada pelos mestres.

O ALUNO

São meus todos os versos já cantados:
A flor, a rua, as músicas da infância,
O líquido momento e os azulados
Horizontes perdidos na distância.

Intacto me revejo nos mil lados
De um só, poema. Nas lâminas da estância,
Circulam as memórias e a substância
São meus também os líricos sapatos
De Rimbaud, e no fundo dos meus atos
Canta doçura triste de Bandeira.

Drummond me empresta sempre o seu bigode.
Com Neruda, meu pobre verso explode
E as borboletas dançam na algibeira

DRUMMONDIANA

Quando as amantes e o amigo
Te transformarem num trapo
Faça um poema,
Faça um poema, Joaquim!

Cúmplices (1951) - O segundo livro evoca, para sempre, a musa Dora a compor o mundo do poeta. Com esse amor afronta com mais maturidade o mundo adverso, assim como Dirceu afrontou com Marília. A linguagem epigramática, seca, mostra um eu-lírico apaixonado que se desarma, mais seguro de si, despreocupado, sem deixar de mostrar, consciente, o lado mal.

MADRIGAL

Meu amor é simples, Dora,
Como a água e o pão.
Com o céu é refletido
Nas pupilas de um cão.

CANÇÃO SENSATA

Dora, que importa
O juiz que escreve
Exemplos na areia,
Se livres seguimos
O rastro dos faunos,
A voz das sereias?

Dora, que importa a herança do avô
Sobre a pedra, nua,
Se do ar colhemos
Moedas de sol,
Guirlandas de lua?

De maior beleza
É, pois, nada prever
E à fina incerteza
De amor ou viagem
Abrir nossa porta.
Dora, isso importa.

Novas Cartas Chilenas (1954) - Como já foi dito, aqui o poeta adquire força de uma voz própria: sarcástica e irônica irá mergulhar no começo da nossa história, revivendo os navegantes, El-Rei, a exploração da terra e da mão-de-obra indígena e africana, dentro da melhor performance oswaldiana. Confirma a paródia à “Carta do Achamento”, do Caminha.

A CARTA

As galas da terra
Vô-las contarei,

Se a tanto engenho
Ou arte me ajudarem,
Senhor meu El-Rei

Na Quarta-feira, ao fim,
Vista de terras hei:
Arvoredos, montanha, praia chã.
As âncoras surgimos,
Senhor meu El-Rei.
E logo nos topamos
Com uma estranha grei:
Pardos, todos nus, sem coisa alguma
Cobrindo-lhes o pêlo,
Senhor meu El-Rei.

A língua se me abraze.
Das donas falarei.
Ai vergonhas tão altas e cerradas,
Tão limpas, tão tosadas,
Senhor meu El-Rei!

A MÃO-DE-OBRA
São bons de porte e finos de feição
E logo sabem o que se lhes ensina,
Mas têm o grave defeito de ser livres.

CEM ANOS DEPOIS
Vamos passear na floresta
Enquanto D. Pedro não vem.
D. Pedro é um rei filósofo,
Que não faz mal a ninguém.

Vamos sair a cavalo,
Pacíficos, desarmados:
A ordem acima de tudo,
Como convém a um soldado.

Vamos fazer a República,
Sem barulho, sem litígio,
Sem nenhuma guilhotina,
Sem qualquer barrete frígio.

Vamos com farda de gala,
Proclamar os tempos novos,
Mas cautelosos, furtivos,
Para não acordar o povo.

Epigramas (1958) - O título diz a que veio. Linguagem afiada em proposta socialista na ótica crítica do mundo:

POÉTICA

Não sei palavras dúbias. Meu sermão
Chama ao lobo verdugo e ao cordeiro irmão.

Com duas mãos fraternas, cumplicio
A ilha prometida à proa do navio.

A posse é-me aventura sem sentido.
Só compreendo o pão dividido.

Não brinco de juiz, não me disfarço em réu.
Aceito meu inferno, mas falo do meu céu.

BUCÓLICA

O camponês sem terra
Detém a charrua
E pensa em colheitas
Que nunca serão suas.

A CLAUSEWITZ

O marechal de campo
Sonha um universo
Sem paz nem hemorróidas.

Anatomias (1967) - Quase dez anos depois, a constante apuração do epigrama. A mira nas instituições de base do sistema criticado: banqueiro (capital), quartel (governo militar ? ditadura), a América bélica. Todos com o humor seco, passeando pela concepção visual da poesia concreta. O motivo do riso é machadiano: aquele em que se ri, onde era para chorar:

EPITÁFIO PARA UM BANQUEIRO

negócio
ego
 ócio
 cio
 o

OCIDENTAL

a missa
a miss
o míssil

À MODA DA CASA

feijoada
marmelada
goleada
quartelada

Meia-palavra (1973) - O poema está em tudo e em todos. A visão aguda do poeta encontra na história (ditadura, falta de liberdade, o auge do "economês" e passado (romantismo, Canção do Exílio, cantiga trovadoresca), o poema pronto para receber sua voz:

CANÇÃO DE EXÍLIO FACILITADA

lá?

ah!

sabiá...

papá...

maná...

sofá...

sinhá...

cá?

bah!

SEU METALÉXICO

economiopia

desenvolvimentir

utopiada

consumidoidos

patriotários

suicidãos

Resíduo (1980) - A ironia, o humor, a nossa história, misturada...:

EPITÁFIO PARA RUI

... e tenho dito

bravos!

(mas o que foi mesmo que ele disse?)

UM SONHO AMERICANO

CIA limitada

NEOPAULÍSTICA

pelo mesmo tietê

onde outrora viajavam

bandeirantes heris

só viajam agora

os dejetos: bandeira

de seus filhos fabris

Calendário perplexo (1983) - os poemas, relativos a datas comemorativas (grandes feriados), propõe nova reflexão crítica do social e pessoal: 31º de março / 1º de abril

DÚVIDA REVOLUCIONÁRIA

ontem foi hoje?

ou hoje é que é ontem?

19 de abril

DIA DO ÍNDIO

o dia dos que têm

os seus dias contados

1º de maio

ETIMOLOGIA

no suor do rosto

o gosto

do nosso pão

diário

sal: salário

A poesia está morta mas juro que não fui eu (1988) - O testemunho autobiográfico:

ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

a poesia está morta

mas juro que não fui eu

eu até tentei fazer o melhor que podia para salva-la

imitei diligentemente augusto dos anjos paulo

torres carlos drummond de andrade manuel

bandeira murilo mendes vladimir maiakovski

joão cabral de melo neto pau éluard oswald

de andrade gillaume apolinaire sosigenes

costa bertolt brecht augusto de campos

não adiantou nada

em desespero de causa cheguei a imitar um

certo (ou incerto) josé paulo paes poeta ribeirãozinho

estrada de ferro araraquarense

porém ribeirãozinho mudou de nome a estrada

de ferro araraquarense foi extinta e josé

paulo paes parece nunca ter existido

nem eu

CURITIBA

o interventor do estado

era um pinheiro inabalável

inabaláveis pinheiros igualmente

o secretário da segurança pública

o presidente da academia de letras

o dono do jornal

o bispo o arcebispo o magnífico reitor

ah se naqueles tempos

a gente tivesse

(armando glauco dalton)

um bom machado!

Prosas seguidas de odes mínimas (1992) - A doença (perna amputada) propicia os sonhos e a reflexão memorialista: a velha casa da infância, a musa Dora, nessa hora de dor, a mulher e mãe; o mundo capitalista; de consumo; a visão distorcida, imposta por eles, na metáfora aos óculos:

AOS ÓCULOS

só fingem que põem
o mundo ao alcance
dos meus olhos míopes.

já não vejo as coisas
como são: vejo-as como querem
que eu as veja.

logo, são eles que vêem,
não eu que, cômico
do logro, lhes sou grato

por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.

À BENGALA

contigo me faço
pastor do rebanho
de meus próprios passos.

A meu esmo (1995) - Sentimentos frustrados, alterados pelo moderno. A poesia do mínimo dando conta do máximo: a cidade grande e fria; o homem deslocado em sua poesia infrutífera. Lembra, sempre, Drummond em a poesia é um sinal de menos.

EPITÁFIO PROVISÓRIO

Está completamente morto agora,
lagarto empalhado, múmia do Egito.

Nascido num país em cujos ares
poetas vojavam aos milhares,

Ficou no chão, nada fez de inaudito:
desse apenas um verso e foi-se embora.

FOLHA CORRIDA

Vão-se as amadas
despetaladas
no turbilhão
e o ex-adolescente
conta ao espelho
as primeiras rugas.

ÉCLOGA

lentos bois,
passam por mim
os dias

De ontem para hoje (1996) - O último livro. Referências saudosas à boa literatura:

GONZAGUIANA

Em tronco de velho
exposto à lixa dos ventos
ao vitriolo do tempo
não gravo teu nome, não:
grava-o no meu coração

ÍTACA

Na gaiola do amor
não cabem asas de condor.
Penélopes? Cefaléias!
Quanta saudade, odisséias...

Socráticas (INÉDITO) - Três poemas inéditos. O organizador Davi Arriguetti Jr., assim se referiu: "deixou outros inéditos na Socráticas. Alguns deles extraordinários. Ele estava com a mão apurada, tinha o que falar e de algum modo tinha concentrado tudo aquilo que viveu naquela forma breve em que trabalhou durante a vida toda."

MOMENTO

Visto assim do alto
no cair da tarde
o automóvel imóvel
sob os galhos da árvore
parece estar rumo
a algum outro lugar
onde abolida a própria
idéia de viagem
as coisas pudessem
livremente se entregar
ao gosto inato
da dissolução? e é noite.

AUTO EPITÁFIO Nº. 2

para quem pediu sempre tão pouco
o nada positivamente é um exagero

OS FILHOS DE NIETZSCHE

- Deus está morto, tudo é permitido!
- Mas que chatice!

A Vestibulando Web Page agradece à Prof. Carla Fagundes pela análise da Obra "Melhores Poemas" e pela autorização para disponibilizá-la no site.